
Semiótica e Memética nos Estudos de Comunicação¹

Eduardo Correa de GODOY²
Maria Clotilde PEREZ³

Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

Resumo

Os contemporâneos memes são objetos de estudo tanto da semiótica quanto da memética. Estes objetos comunicacionais vicejam nas sociedades com ubiquidade de conexão. Vamos comparar sob um olhar epistemológico, na análise de memes, o referencial teórico semiótico de Peirce com aquele que a mais jovem memética de Dawkins oferece. Os objetos de estudo popularmente nomeados como memes são compreendidos também sob as relações lógicas dos signos. A semiose peirciana é vista com vivacidade nesses produtos midiáticos que unem tecnologia e cultura em favor da comunicação simbólica. Entender as posições e usos dos referenciais frente ao meme é relevante à pesquisa em comunicação. Desejamos explorar esse tema bem como incentivar novos estudos na área. O cenário atual pinta uma semiótica robusta e esboça uma memética que se populariza.

Palavras-chave: semiótica; comunicação; peirce; epistemologia; meme.

1. Semiótica e Memética: Investigadoras de Memes

Comparamos escolas distintas analisando o olhar que ostentam em relação a fenômenos comunicacionais contemporâneos, falamos dos memes da internet. Ao realizar busca prévia sobre estudos comparativos entre semiótica e memética, identificamos escassez de trabalhos na área. O tema se faz presente, em maior parte, em fóruns e espaços de discussão informais. Havendo diferenças entre referenciais teóricos que são usados para investigar os mesmos objetos, há também elevada importância em compreender suas particularidades. O conhecimento das diferentes escolas frente aos seus objetos de estudo viabiliza o uso consciente do suporte teórico nas pesquisas em comunicação. Além disso, especialmente em nosso caso de comparação entre escolas, observamos que a memética carrega em seu radical o termo meme, que se tornou o mais

¹ Trabalho apresentado no GP Semiótica da Comunicação, XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestrando do PPGCOM da ECA-USP, e-mail: eduardo.correa.godoy@usp.br.

³ Orientadora do trabalho, docente da graduação e do PPGCOM da ECA-USP, e-mail: clopez@terra.com.br

popular para referir-se a estes objetos comunicacionais e culturais amplamente difundidos nas redes. Essa similaridade de denominação pode levar a uma falsa interpretação de que tal escola seja a mais adequada ou possua mais autoridade que as demais para o estudo dos memes. Tal hierarquia não existe. Há muitas escolas ativas e capazes de investigar fenômenos comunicacionais e culturais como os memes. Desse modo, vemos relevância em trazer essa discussão às luzes dos grupos de pesquisa em comunicação e semiótica.

Semiótica (peirciana) e memética são de áreas de conhecimento diferentes. Charles Sanders Peirce, é tipicamente reconhecido como fundador do pragmatismo e seus conhecimentos reverberaram em vários campos como semiótica, lógica, matemática, metodologia científica e filosofia. Richard Dawkins tem suas origens nos estudos de etologia e biologia evolutiva. Não obstante, os dois arcabouços teóricos vêm sendo utilizados para analisar os mesmos fenômenos culturais e comunicacionais. Nosso objetivo não é eleger uma melhor escola. Nosso entendimento é de que a diversidade de olhares acerca dos objetos de estudo da comunicação traz mais riqueza ao campo. No entanto, para que não seja feito uso arbitrário das teorias é necessário compreender as especificidades de cada uma delas. Além disso, para os pesquisadores de semiótica e memética, nesta ordem cronológica, é curioso o fato de que a segunda esteja sendo utilizada em áreas de conhecimento que antes eram investigadas majoritariamente pelas escolas semióticas. Devemos nos perguntar as razões do crescimento desse novo olhar metodológico, que merece a atenção dos pesquisadores e semioticistas. Afinal, a escola semiótica de Peirce é reconhecida, entre outros aspectos, pela amplitude de análises que cresce em abrangência até o nível da pansemiose. A priori, esta é uma razão pela qual podemos intuir uma semiótica suficientemente desenvolvida para abarcar fenômenos comunicacionais de nossa contemporaneidade como os memes.

Durante nosso percurso de análise comparativa sabemos que há complexidades no pareamento de escolas. As obras são diferentes no que tange ao seu contexto histórico e abrangência. A semiótica de Peirce é a mais extensa das duas, são mais de cem obras escritas pelo autor, além de uma infinidade de trabalhos produzidos por outros pesquisadores relacionados ao pensamento peirciano. Dawkins possui um grande conjunto de publicações escritas e filmes documentários, mas quando comparamos com Peirce, o número de obras é relativamente menor. Há também um hiato temporal entre os dois autores, Peirce inicia sua obra em meados de 1860 enquanto a obra de Dawkins tem seu primeiro livro publicado no ano de 1976. Dado o panorama que avizinha nosso objeto

de estudo, é de nosso conhecimento a existência de uma pluralidade de escolas semióticas e ramos distintos de memética. Nosso recorte, inevitavelmente, deixa espaços para futuros estudos, mas direciona-se a explorar esse campo de comparações epistemológicas entre semiótica e memética. Quando ampliamos o olhar da comunicação sobre as posições das escolas, surgem no horizonte possibilidades de novos estudos. Nesse esforço exploratório, podemos trazer o referencial semiótico para temas recentes e simultaneamente compreender os limites de abordagens teóricas distintas, ainda que similares. Visamos o conhecimento sobre as distintas epistemes semiótica e memética.

2. Fortalecimento do Método Comparativo em Comunicação

Embora a realização de estudos comparativos seja comum em comunicação, tal regularidade não se repete em trabalhos que discutam o uso do método de análise comparativa em comunicação. Assim, na expectativa de uma análise comparativa sólida nos resta investigar trabalhos de outras áreas de conhecimento. Nesse contexto, buscamos autores que se dedicaram a analisar o método na antropologia e estudos culturais (SEAGAL, 2001), nas ciências políticas (SCARROW, 1963) e nas ciências sociais (PICKVANCE, 2005) para fortalecer nossa análise.

Nas ciências políticas é possível apontar pontos positivos e negativos da comparação entre sistemas políticos de países distintos. As comparações de sistemas políticos transnacionais, ainda que realizada entre poucas unidades, mostraram-se de valor para alcançar conclusões analíticas (SCARROW, 1963). O autor nos mostra variedades de escopo de análise comparativa. Ele defende que a comparação pode sugerir *insights* em possíveis explicações de diferenças e estimular questionamentos adicionais acerca do objeto de pesquisa (SCARROW, 1963 p.573). Podemos ver certa ligação entre a comparação de sistemas políticos transnacionais e de diferentes escolas, na medida em que ambas as comparações envolvem objetos dificilmente comensuráveis. Sabendo dos espólios adquiridos pelas ciências políticas, podemos esperar o mesmo nas ciências da comunicação ao comparar semiótica e memética.

Seagal (2001, p. 358), na antropologia, em defesa do método comparativo, irá nos dizer que o método vai além da justaposição de fenômenos e progride para a identificação de categorias. A necessidade de ultrapassar a justaposição é ponto ratificado (PICKVANCE, 2005). O método pode ser utilizado também para decifrar as diferenças

de fenômenos e suas similaridades (SEAGAL, 2001, p. 372). Além disso, Seagal (2001, p. 358) nos diz que o método comparativo busca por categorias comuns nos fenômenos, as diferenças são encontradas somente onde cessam as similaridades. Essas observações podem parecer nuances menores, mas a busca pela similaridade em oposição à busca pela diferença pode mudar a orientação da pesquisa. Nas palavras de Seagal (2001, p. 347, tradução nossa): “O método comparativo procura apenas encontrar paralelos, não procura ranqueá-los”. Qualquer ranqueamento ultrapassa o método (SEAGAL, 2001, p. 347). De fato, quando a análise comparativa ultrapassa seus limites, poderá entrar no campo dos juízos de valores, que pouco tem valor no âmbito acadêmico. Devido a estes desvios, por vezes, estudos comparativos são desencorajados. Aceitando o risco, nós compartilhamos do ponto de vista que vê a comparação como “indispensável para o entendimento dos fenômenos, pois é inevitável ao entendimento que categorize os fenômenos de maneira comparativa” assim como nos diz Seagal (2001, p. 352, tradução nossa). Categorias são conceitos comuns tanto para Peirce quanto para Dawkins. É evidente que buscamos neutralidade ao aproximar-nos de pensamentos distintos. Ainda que não possamos atingi-la por completo, a neutralidade norteia este trabalho. Deve existir atenção nas comparações pois similaridades e diferenças não são totalmente objetivas, são um constructo social:

Os dois tipos convencionais de análises comparativas focam na explicação das diferenças e na explicação das similaridades. Este parece um contraste fácil de se entender, mas não é. [...] Aquilo que se conta como diferença ou similaridade não depende apenas dos valores observados, mas depende também do analista, por isso deve ser tomada como um constructo social ao invés de como realidade objetiva [...] Portanto, a ideia de que análise comparativa lida com similaridades ou diferenças é mais complexa do que parece. (PICKVANCE, 2005, p. 2-3, tradução nossa)

Compreendendo o método sob estas perspectivas, desejamos movimentar o olhar que estes estudos direcionaram a sistemas políticos transnacionais, análises socioculturais e fenômenos de maneira ampla para os usos dos referenciais semiótico e memético na comunicação. Utilizaremos como método a análise comparativa chamada de “comparar e contrastar” (WALK, 1998). Nessa análise, semiótica e memética serão considerados com igual peso. Walk (1998) sugere que o método deve ser dividido em cinco etapas: enquadramento de referência, definição do terreno de comparação, tese, esquema de organização e ligações entre A e B. Seguiremos esta orientação, somada dos conhecimentos vistos em nossas outras referências, como método de nosso estudo.

3. C. S. Peirce e R. Dawkins Sob Análise Comparativa

Iniciamos pelo enquadramento de referência, um foco que situa as escolas semiótica e memética dentro de um mesmo contexto de análise. Em nosso recorte desejamos compreender como cada uma das escolas pode ser aplicada ao entendimento dos memes da internet, considerados em estrutura ampla, englobando vídeo, fotografia e outros formatos. Fazemos essa consideração para deixar claro nosso foco que se distancia da análise de casos empíricos e busca a relação conceitual das escolas com o fenômeno de modo amplo. No contexto dos memes, semiótica e memética apresentam similaridades. Assim, descreveremos brevemente o contexto das escolas em relação ao meme e retomaremos com a finalização do enquadramento.

Sobre o campo da semiótica de Peirce, no limite, a escola pode analisar todo fenômeno. A título de estimar a dimensão dos estudos semióticos no mundo, estudos de 2015 encontraram 130 livros publicados em 32 línguas no período dos últimos 50 anos (KULL et al, p. 281). Termos como semiosfera para o mundo das culturas e biosfera para a biosemiose que aparecem em outros autores (MARKOŠ, p. 494), nos servem como indícios de que as lógicas de Peirce tem ressonâncias em diversos trabalhos posteriores a seus estudos semióticos, tanto na própria escola quanto em outras. O signo se faz presente no ambiente natural e no ambiente cultural. Isso nos ajuda a compreender a extensão teórica semiótica. Desse modo a semiose peirciana pode ser considerada de maneira expandida também como filosofia que suporta variadas áreas de conhecimento. Santaella e Nöth (2004) nos dizem que:

Além de ser uma filosofia científica, a semiótica geral também pretende funcionar como uma teoria fundacional, como um método geral e para o questionamento científico, ou até mesmo como um mapa guia fenomenológico e epistemológico que pode ser utilizado por qualquer disciplina. Sendo isto verdadeiro para todo campo científico ou disciplina, é ainda mais verdadeiro para teorias em comunicação, pois, a semiótica não somente pode ser vista como uma teoria comunicacional, como podemos dizer que a noção de Peirce de semiose é afinada em um modelo comunicacional. (SANTAELLA; NÖTH, 2004)

Voltando à comunicação na internet. Os memes são fenômenos comunicacionais ativos em nossas sociedades. A semiótica passou a ser utilizada para analisá-los tão logo se fizeram presentes em nossas redes. Citaremos alguns dos muitos autores que relacionam a semiótica peirciana e memes da internet. Kariko (2012), analisou

qualitativamente memes da internet compostos de imagens e textos baseados em humor, sua análise foca principalmente na multiplicidade de sentidos carregados pelo signo. Carnizzaro (2016, p. 576) descreve os memes enfocando o processo de co-criação dos memes que leva a processos de mudança probabilísticos focando o conceito de hábito de Peirce. Horta (2015, p. 23) em seu estudo de meme como linguagem na internet é um exemplo clássico de enquadramento do meme na relação lógica triádica semiótica, ela nos dirá que:

[...]para compreender o que faz do meme uma linguagem, nossas concatenações partem de seus conceitos de terceiridade, signo (e seus interpretantes: imediato, dinâmico e final), legi-signo e semiose. O pensamento de Peirce tornará mais clara a configuração das “normas” dos memes, nos possibilitando entender o que conecta manifestações aparentemente tão distintas, bem como facultando a nossa compreensão do próprio processo de entendimento do mundo que se dá na semiose, na mediação do signo. (HORTA, 2015, p. 23)

Essas referências remontam à diversidade, mas não esgotam os tipos de análise possíveis. Utilizando dos conhecimentos semióticos, uma vastidão de análises pode ser feita sobre os memes em seus diversos formatos. Vamos explorar uma face dessas possibilidades.

A memética, de modo similar, vem se fazendo presente nos mais diversos tipos de análise. Estudos de transmissão cultural, sociobiologia, psicologia evolucionária, evolução linguística, etc (BLACKMORE, 1999). Engenharia memética (PECH; SLADE, 2014). Memética militar (PROSSER, 2006). Estes são ramos originados da memética que nos exemplificam a variedade de estudos que vem sendo feitos a partir dessa escola. Por vezes, estas novas apropriações da teoria se distanciam da origem darwinista da escola (DÍAZ, 2013 p.83). Dentro dessa variedade de aplicações, a memética também se dedica a estudar os memes da internet. É curioso que a memética, ainda que não seja considerada como uma escola semiótica, estude fenômenos comunicacionais, culturais, de transmissão de sentidos e ideias.

Tipicamente os memes da internet vêm sendo definidos em posições que aparentam estar entre semiótica e memética. Eles podem ser definidos como imagens, frases ou vídeos que se difundem pela internet fazendo com que pessoas os repliquem (DÍAZ, 2013 p. 96), combinações simbólicas que viajam facilmente ao longo de grandes e diversas populações (BENNET; SEGERBERG, 2012, p. 745), grupos de itens de

conteúdo que foram criados com conhecimento uns dos outros e compartilham características comuns Shifman (2013, p. 367), entre outras definições.

Finalizando o enquadramento, nosso método de comparar e contrastar irá trazer as duas escolas de pensamento para o cenário de investigação dos memes da internet, compreendendo as possibilidades analíticas dos dois olhares sobre o fenômeno.

Progredindo para a segunda etapa de nosso método, devemos explicar melhor em qual ambiente desejamos realizar tal comparação. A escolha por Peirce e Dawkins tem outra razão para além das similaridades teóricas: o embasamento comum na teoria da evolução de Darwin (2009). Publicado pela primeira vez em 1859, o livro influenciou fortemente os dois autores, que herdaram conhecimentos evolucionistas e expressaram seu teor para além do contexto das ciências biológicas. Quando olhamos para a difusão e evolução nos memes podemos lembrar os conceitos de semiose em Peirce e replicação em Dawkins. O meme por sua vez, pode ser visto como signo em Peirce e correlato do gene em Dawkins. Assim, comparamos as escolas na análise do meme considerando este pano de fundo evolucionista frente ao qual ambas atuam. Dentro do grande repertório de obras das escolas, selecionamos três textos sobre a Semiótica de Charles Sanders Peirce e um de Richard Dawkins para nossa comparação. Do lado da semiótica analisaremos: “O que é um signo?” (PEIRCE, 1894), “*Evolutionary love*” (PEIRCE, 1893) e “*Teleology and the Autonomy of the Semiosis Process*” (RANSDELL, 1992). Por parte da memética analisaremos o livro “*The selfish gene*” (DAWKINS, 2006).

É possível argumentar que há assimetria nessa escolha, mas esta já era esperada desde nossa revisão sobre análises comparativas. Não buscamos uma equivalência numérica simplória nos autores. Enquanto desenhávamos este trabalho, procuramos definir temas principais a serem analisados. Desse modo, escolhemos buscar por três conteúdos no interior das obras: definição compatível com o fenômeno meme, análise de sua difusão e correlação do fenômeno com a evolução. Estes conteúdos são basilares para o entendimento do fenômeno e muito relevantes dentro das escolas estudadas, servindo de solo para nossa comparação.

Nossa tese, inicialmente, é a de que as escolas apresentam grande convergência na forma como vêm a comunicação dos memes, no entanto a forma como apresentam sua episteme é distinta. Além disso, a extensão conceitual delas deve cobrir alguns pontos exclusivos em relação ao seu par comparativo.

Em nosso esquema de organização, vamos iniciar pela análise da obra de Dawkins, circunscritos no capítulo intitulado “memes: os novos replicadores”, com foco na análise dos memes da internet, bem como acabamos de delimitar nos parágrafos anteriores. Em seguida, faremos a análise no domínio da semiótica de Peirce e concomitantemente iniciaremos a etapa de ligações entre as duas obras.

Logo no início de sua apresentação sobre memes, Dawkins nos diz que os seus argumentos podem ser aplicados para qualquer ser evoluído (DAWKINS, 2006, p. 189). De modo que, se há evolução cultural ao longo das gerações, a transmissão cultural deve ser reconhecida como análoga da transmissão genética (DAWKINS, 2006, p. 189). Além disso, na transmissão cultural humana, a evolução cultural aparenta ser como uma evolução genética altamente acelerada (DAWKINS, 2006, p. 190). Ora, o meme para Dawkins pode se encaixar nessa condição de um ser evoluído. Na medida em que suas formas se alteram e se adaptam a novos meios podemos encontrar um senso de aperfeiçoamento e evolução. O autor nos diz expressamente que “O darwinismo é uma teoria muito grande para ser confinada ao estreito contexto do gene” (DAWKINS, 2006, p. 191, tradução nossa). Para Dawkins, o que há de mais especial nos genes é o fato de serem replicadores (DAWKINS, 2006, p. 191). A analogia com genética e a teoria da evolução darwinista faz com que o autor identifique os memes como unidades de replicação que compõem a nova sopa primordial, a saber, a sopa da cultura humana (DAWKINS, 2006, p. 192). É interessante observar como mais essa analogia é proclamada, pois cultura e memes são transmitidos por comunicação, diferentemente dos genes que são transmitidos por meios reprodutivos e biológicos. Podemos entender os memes da internet como os replicadores de uma cultura, que evoluem e fazem parte dessa grande sopa primordial cultural humana. Assim como a sopa primordial é vista como o *locus* originário da vida, devemos imaginar que a sopa primordial cultural e comunicacional deva ser o berço de algo novo por vir. Embora Dawkins tenha iniciado a analogia desse conceito, o autor não nos descreve esse resultante possível da nova sopa primordial. Em seguida, continuando no campo da analogia Dawkins (2006) nos dirá que:

Quando você planta um meme fértil em minha cabeça você literalmente irá parasitar meu cérebro, tornando-o um veículo para a propagação do meme do mesmo modo que um vírus pode parasitar o mecanismo genético de uma célula hospedeira. (DAWKINS, 2006, p.192, tradução nossa)

Podemos ver alargamento da analogia que antes estava relacionada diretamente a um gene e agora inclui vírus e células, unidades maiores. Isso implica em pensar um meme também como conjunto de genes. Trazendo a analogia para nosso contexto comunicacional, os memes da internet podem possuir em si complexos de unidades comunicacionais menores. Quando comunicadas, várias dessas unidades se replicam de uma só vez. Isso não é de se estranhar pois também nos genes há complexos genéticos que podem ser divididos em unidades maiores ou menores, trata-se de uma unidade que não tem uma extensão rígida (DAWKINS, 2006, p. 195). É fortuito procurar ligações entre essas unidades para identificar se constituem um mesmo meme ou memes distintos (DAWKINS, 2006, p.196). A definição do meme vê a imitação em sentido amplo como mecanismo de replicação (DAWKINS, 2006, p. 194). Os memes tem três qualidades responsáveis por um alto valor de sobrevivência memético: longevidade, fecundidade e fidelidade de cópia. (DAWKINS, 2006, p. 194). Como a fidelidade de cópia não é perfeita os memes podem sofrer mutações (DAWKINS, 2006, p. 195).

Diretamente sobre o sucesso do meme na *meme pool* o autor faz uma nova analogia com os genes, mostrando a ideia de que os memes que se comportam de modo a aumentar seus números nas *meme pools* futuras são os que vemos no mundo (DAWKINS, 2006, p.196). Os memes competem nas mídias por tempo e atenção humana em analogia à seleção natural (DAWKINS, 2006, p.197). O autor levanta a hipótese de que traços culturais possam ter evoluído do modo como evoluíram não por serem vantajosos ao humano do ponto de vista genético, mas vantajosos para a cultura em si mesma (DAWKINS, 2006, p.200). Esse ponto chama a atenção pois encontramos uma independência do meme em relação ao humano que serve como hospedeiro. Esse ponto, bem como outros, inevitavelmente nos remete a Peirce e seu conceito de interpretante que não necessita da subjetividade humana. Com essa análise de Dawkins cobrimos os três conteúdos que nos propusemos a buscar e passamos à semiótica de Peirce.

Peirce desenvolve sua argumentação em um texto completo (além disso, há outros textos do autor que são voltados ao entendimento do signo) para abordar em reflexão profunda a questão do que é o signo. Esse fato é digno de contraste pois Dawkins faz sua definição inicial de meme usando poucas linhas. Peirce nos diz que primeiramente é necessário entender três estados de mente; utilizando-nos de uma explicação simplista, o primeiro está ligado ao sentimento, o segundo é o ser afetado por coisas que agem umas sobre as outras e o terceiro é o pensamento (PEIRCE, 1894, p. 47). Esses estados de mente

vão nos introduzir às conhecidas categorias de Peirce: primeiridade, secundidade e terceiridade. Desse modo, a semiótica de Peirce nos diz que há três tipos de interesse que podemos ver em uma coisa:

Há três tipos de interesse que podemos ver em uma coisa. Primeiro, podemos ter um inicial interesse por ela mesma. Segundo, podemos ter um secundário interesse sobre ela devido às suas reações com outras coisas. Terceiro, podemos ter um interesse mediado sobre ela, pelo que se sabe expressa à mente uma ideia sobre uma coisa. Desse modo, é um signo, ou o mesmo que representação. (PEIRCE, 1894, p. 48)

Segundo essa classificação já podemos identificar a convergência do conceito de signo com os memes da internet, bem como fazem outros pesquisadores de comunicação e memes. No texto de Dawkins não há equivalente aos estados de mente, a explicação cita o humano como hospedeiro mas não se aprofunda em características do humano enquanto meio para replicação do meme. Na semiose por sua vez, os signos podem ser classificados em três categorias. Vamos utilizar as próprias palavras de Peirce para não alterar o entendimento em suas definições:

Há três tipos de signos. Primeiro, há a semelhança, ou ícones, que expressam ideias das coisas que eles representam simplesmente por imitá-las. Segundo, há indícios, ou índices, que mostram algo sobre as coisas, atualizam-se sendo fisicamente conectados a elas. Tal qual uma sinalização, que indica a direção do fluxo de uma rua, ou um pronome relativo, que é colocado justamente depois do nome das coisas que se pretende sejam denotadas, ou uma exclamação de vocativo, como “Oi, você aí!”, que age sobre os nervos da pessoa que a ouve com uma força a chamar sua atenção. Terceiro, há símbolos, ou coisas gerais, que se veem associadas com seus significados de uso. Tais são as palavras e frases, e diálogos, e livros e livrarias. (PEIRCE, 1894, p. 48)

Os memes da internet são usualmente analisados enquanto símbolos, seu caráter comunicacional e cultural remete às coisas gerais e significados de uso. Peirce nos diz que palavras são exemplos de símbolos na medida em que existem ideias conectadas a elas (PEIRCE, 1894, p. 50). O símbolo em si não identifica aquilo que representa, mas pressupõe de nós que sejamos capazes de imaginar as coisas que estão associadas a ele (PEIRCE, 1894, p. 51). Assim, a palavra meme não nos mostra um meme em específico, mas pressupõe que possamos imaginar o que é um meme com base nas associações do símbolo e seus significados de uso. De fato, a palavra meme foi o símbolo que se tornou popular na internet nas últimas décadas para se conectar, no âmbito das ideias e usos, a um tipo de objeto comunicacional e cultural bastante utilizado nas redes. Símbolos não

representam coisas em particular, mas sim tipos de coisas (PEIRCE, 1894, p. 51). Peirce nos diz que “a palavra vive nas mentes daqueles que a usam” (PEIRCE, 1894, p. 51). Portanto, podemos entender que os símbolos vivem na mente daqueles que os utilizam, ou seja, que os memes vivem nas mentes. Essa afirmação tem o mesmo teor das afirmações proferidas pela memética décadas depois da publicação dos trabalhos de Peirce. Memes e símbolos habitam em nossas mentes.

Outro ponto bastante interessante acerca dos símbolos está na fala de Peirce, que nos diz que os símbolos crescem, ou seja, uma perspectiva que remete ao desenvolvimento ou evolução (PEIRCE, 1894, p. 51). Peirce mostra que “um símbolo, uma vez existente, é comunicado entre as pessoas”, no uso e na experiência seu significado cresce (PEIRCE, 1894, p. 51). A observação de memes que circulam na internet pode facilmente confirmar essa afirmação. Uma vez que um símbolo se faça presente nas redes e na mente das pessoas, dificilmente irá cessar, ele será comunicado em maior ou menor velocidade.

No que tange a difusão do meme, é possível analisá-la enquanto semiose. A semiose pode ser entendida como ação do signo ao produzir um interpretante de si mesmo (RANSDELL, 1992). Esse interpretante que surge é um novo signo e possuirá o mesmo tipo de poder produtivo, potencialmente agindo na produção de um novo interpretante (RANSDELL, 1992). Uma geração de signos em cascata. Desse modo, podemos entender o signo, ou meme, como objeto autônomo que produz ou reproduz novos objetos comunicacionais e culturais. Na semiose, a geração do interpretante ocorre mais pelo agenciamento do signo por si próprio do que pelo agenciamento de um intérprete, ainda que o humano possa ser importante na criação e mudança de sentido, o signo não necessita desse agenciamento subjetivo para a produção de seu interpretante (RANSDELL, 1992). A interpretação de um intérprete deve ser considerada como percepção ou observação de um sentido que é exibido pelo próprio signo, por ação do signo (RANSDELL, 1992).

Ransdell (1992) se dedica bastante a mostrar essa autonomia que o signo tem em relação ao intérprete, nas palavras do autor:

Nós nunca outorgamos sentido aos signos por ato de pura vontade, intenção ou decreto estipulativo. Não há criação de sentido *ex nihilo*. A criação de sentido e mudança é primeiramente uma função das disposições e espontaneidades dos signos por eles próprios; embora possamos desenvolver nossas habilidades de produção artística, o resultado de nosso esforço nunca é somente ou primariamente graças ao que nós fazemos: o homem propõe, mas o signo dispõe[...]A ideia é que a disposição ou poder do signo de gerar um interpretante

é a regra, que assim não fica acima do signo, por assim dizer, mas é um princípio imanente. (RANSDELL, 1992, tradução nossa)

Esse olhar sob o signo e a semiose atribui poder de geração de sentido e mudança ao meme por si próprio, de modo que versa sobre a difusão do meme e na medida em que há alterações, versa também sobre seu crescimento e evolução.

Na análise das obras de Peirce é interessante observar que a evolução como proposta pela escola de Darwin não era a única que interessava ao autor. Em seu texto “*Evolutionary love*”, o autor nos descreve três modelos distintos de evolução. Os modelos são: evolução por competição no modelo darwinista, evolução por necessidade mecânica visto em Naegel e outros autores e evolução por força de hábito proposta por Lamarck (PEIRCE, 1893). É evidente que nossa apresentação aqui foi um resumo simplista de como o autor trata a evolução em seu texto, mas nos serve ao propósito de trazer a escola semiótica ao meme. Os três modelos de evolução citados pelo autor podem ser pensados na evolução do signo e do meme. De modo que, além de reconhecer a semiose como processo onde se dá a difusão e evolução dos memes da internet, podemos também pensar em diferentes tipos de evolução. Isso nos mostra bastante riqueza da semiótica para estudar a comunicação nos memes. Não somente os memes evoluem e se difundem por meio da semiose, mas também os tipos de evolução nesse processo comunicacional podem ser investigados de acordo com diferentes perspectivas. Para falar de um possível exemplo, pesquisadores de comunicação podem analisar os memes em dado ambiente pensando em termos de competição, poder interno do meme e hábito.

4. Considerações Finais

Após essa breve análise de obras, algumas considerações podem ser feitas. Semiótica e memética parecem estar consonantes quanto a vivacidade do meme e seu potencial comunicacional próprio. O humano é visto como meio para que essa difusão simbólica aconteça. É uma comunicação bastante viva. No entanto, uma distinção sobre esse ponto é notável, em Dawkins a vida do meme é apresentada de maneira explícita por meio de analogias com gene e vírus, enquanto em Peirce essa vida é apresentada de maneira mais mediada pela comunicação, cultura e geração de sentidos com lógicas próprias da semiose. Talvez seja essa a maior distinção entre os dois autores. Toda a extensão da explicação de Dawkins é profundamente enraizada em analogias com a

biologia evolucionária e seres vivos. Peirce dá mais enfoque a relações lógicas entre os signos, desvendando estados mentais e propondo classes. Também há vivacidade no signo, mas esse ponto não é tão reiterado quanto na obra memética. Ao nosso ver, esse contraste tem algumas implicações. Entender por analogia requer do leitor apenas que conheça previamente algo sobre o funcionamento de genes, seleção natural e mutações. Desse modo, a memética se apresenta com maior praticidade para ser apreendida. No entanto, não parece que essas analogias forneçam as mesmas possibilidades dos estudos lógicos e semióticos de Peirce. Para profissionais e pesquisadores na área de comunicação, o conhecimento das lógicas do signo e da semiose trazem possibilidades não apenas de entendimento, mas de ação sobre fenômenos comunicacionais em nossas sociedades. As classes de signo estão ausentes no conceito de meme de Dawkins, estas classes podem ser úteis por exemplo para decompor dado meme da internet segundo suas qualidades, mecanismos de chamar a atenção e convenções de sentido. A mesma comparação é válida quando os autores nos falam da evolução, Dawkins foca em Darwin enquanto Peirce nos mostra três possibilidades evolutivas e as descreve. No conjunto de obras analisadas, a memética nos fala de uma nova sopa primordial e a semiótica não toca esse assunto. Futuros estudos podem procurar por outros conceitos na vasta obra de Peirce que se associem a este tópico. Outro ponto de contraste a ser ressaltado é o fato que de Dawkins se refere ao meme como “novo replicador” dissociando o da evolução genética, Peirce não faz essa separação de contextos e nos mostra uma semiose sem restrições. Finalizamos com o oximoro de notar semiótica e memética como similares e distintas no contexto de análise comunicacional dos memes. Há convergências. Pontuamos a simplicidade com que a memética de Dawkins apresenta seus conceitos e a profundidade conceitual e descritiva contemplada em Peirce.

Referências

BENNETT, W. L.; SEGERBERG, A. The logic of connective action. **Information, Communication and Society**, Londres: Routledge, v. 15, n. 5, 2012.

BLACKMORE, S. **The meme machine**, Oxford University Press, 1999.

CARNIZZARO, S. Internet memes as internet signs: a semiotic view of digital culture, **Sign Systems Studies**, v.44, p. 562-586, 2016.

DARWIN, C. **A origem das espécies**, São Paulo, Planeta Vivo, ed.1, 2009.

DAWKINS, R. **The selfish gene**. Estados Unidos: Oxford University Press, Trigésima Edição, 2006.

DÍAZ, C. M. C. Defining and characterizing the concept of Internet Meme, **Revista CES Psicologia**, v. 6, n. 1, p. 82-104, 2013.

HORTA, N. B. **O meme como linguagem da internet: uma perspectiva semiótica**, Brasília, UNB, 2015. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – UNB, Brasília, 2015.

KARIKO, A. A. T. Analysis on internet memes using semiotics, **Lingua Cultura**, v. 6, n. 2, p. 188-199, 2012.

KULL, K. et al. A hundred introductions to semiotics, for a million students: survey of semiotics textbooks and primers in the world, **Sign Systems Studies**, v. 43, p. 281-346, 2015.

MARKOŠ, A. Biosphere as semiosphere: Variations on Lotman, **Sign Systems Studies**, v. 42, p. 487-498, 2014.

PECH, R.; SLADE, B. Memetic engineering: a framework for organisational diagnosis and development, **Leadership & Development Journal**, v. 25, p. 452-465, 2004.

PEIRCE, C. S. O que é um signo? **The Monist**, Tradução Ana Maria Guimarães Jorge, 1894. Disponível em: <http://www.faap.br/revista_faap/revista_facom/facom_18/ana.pdf>. Acesso em: 23 jun. 2018.

PEIRCE, C. S. Evolutionary love, **The Monist**, vol. 3, p. 176-200, 1893. Disponível em: <<http://www.iupui.edu/~arisbe/menu/library/bycsp/evolove/evolove.htm>>. Acesso em: 23 jun. 2018.

PICKVANCE, C. The four varieties of comparative analysis: the case of environmental regulation, **Conference on Small and Large-N comparative solutions**, Canterbury, 2005.

PROSSER, M. B. **Memetics a growth industry in us military operations**, School of Advanced Warfighting, 2006. Dissertação (Mestrado em estudos operacionais) - School of Advanced Warfighting, Virginia, 2006.

RANDELL, J. Teleology and the autonomy of the semiosis process, **Signs of Humanity**, v. 1, 1992. Disponível em:

<<http://www.iupui.edu/~arisbe/menu/library/aboutcsp/ransdell/AUTONOMY.HTM>>. Acesso em: 23 jun. 2018.

SANTAELLA, L.; NÖTH, W. Why peirce's semiotics is also a theory of communication, **Comunicação & semiótica**. São Paulo: Hacker, 2004. Disponível em: <http://www.pucsp.br/~lbraga/epap_peir6.htm>. Acesso em: 23 jun. 2018.

SANTAELLA, Lucia. **O que é semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 1983

SCARROW, H. A. The scope of comparative analysis, **The Journal of Politics**, Chicago, v.25, n.3, p. 565-577, 1963.

SEAGAL, R. A. In defense of the comparative method. **Numen**, Dinamarca, v.48, n.3, p. 339-373, 2001.

SHIFMAN, L. Memes in a Digital World: Reconciling with a conceptual troublemaker. International Communication Association: **Journal of Computer-Mediated Communication**, n.18, 2013.

WALK, K. How to write a comparative analysis. Massachusetts, **The Writing Center at Harvard**, 1998. Disponível em: <<https://writingcenter.fas.harvard.edu/pages/how-write-comparative-analysis>>. Acesso em: 23 jun. 2018.